

**MODOS DE COMPARTILHAR ARTE E VIDA
PRÁTICA ARTÍSTICA E FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE**

**WAYS OF SHARING ART AND LIFE:
ARTISTIC PRACTICE AND TEACHER TRAINING AT THE UNIVERSITY**

Lutiere Dalla Valle

Professor Permanente – PPGE/CE/UFES

Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: lutiere.valle@ufsm.br

ORCID: 0009-0005-0280-2255

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7210555983862366>

Resumo:

Partindo das metodologias artísticas como metodologias vivas (Hernández, 2011) que se entrelaçam com a prática (Springgay; Irwin, 2013), buscamos investigar como as experimentações artísticas coletivas desenvolvidas nas disciplinas de Artes Visuais e Educação do Curso de Pedagogia operam na formação docente. Além disso, compreender os cruzamentos entre arte, pedagogia e docência, tendo proposições artísticas como estratégia de fomento a processos reflexivos e imaginativos que fomentam a problematização do pensamento hegemônico. A partir desse posicionamento, *artistar docências* no ensino superior emerge como uma estratégia criativa que contribui para gerar outros modos de relacionar, compreender e agir sobre aspectos ou fenômenos que (con)formam professoras e professores, por meio da ampliação e aquisição de novos repertórios no campo das artes visuais.

Palavras-chave: Artes visuais. Formação Docente. Ensino superior

Abstract:

Starting from artistic methodologies understood as living methodologies (Hernández, 2011), which intertwine with practice (Springgay; Irwin, 2013), this study seeks to investigate how collective artistic experimentations developed in the Visual Arts and Education courses of the Pedagogy undergraduate program operate within teacher education. Furthermore, it aims to understand the intersections between art, pedagogy, and teaching, considering artistic propositions as strategies for fostering reflective and imaginative processes that encourage the problematization of hegemonic thinking. From this standpoint, *artist-ing teaching practices* in higher education emerges as a creative strategy that contributes to generating alternative ways of relating to, understanding, and acting upon aspects or phenomena that (con)form teachers, through the expansion and acquisition of new repertoires in the field of visual arts.

Keywords: Visual arts. Teacher training. Higher education.

1 Introdução

*Quando pensamos em que tipo de educação
queremos ou porque consideramos tão valiosa
a educação como para dedicar,
em maior ou menor medida, nossa vida a ela,
creio que, sobretudo estamos falando de
aprender a estar juntas/os.*
Natalia Calderón (2020, p. 10)

A cada novo semestre na universidade me deparo com reivindicações das/os estudantes enquanto lhes proponho a realização de atividades em pequenos grupos. O argumento é sempre o mesmo: *Profe, eu posso fazer sozinha/o? É muito difícil trabalhar em grupo!* E como professor da disciplina ‘Artes Visuais e Educação A’ que integra o currículo do Curso de Pedagogia, lhes devolvo: *por que parece tão difícil trabalharmos em grupos? Por que é tão desafiador compartilhar ideias e encontrar pontos de encontro? Como estabelecer conexões a partir das diferentes visões e percepções de mundo durante a realização de um exercício acadêmico?* Quando finalizo minha argumentação, entre suspiros e murmúrios, parecem compreender minimamente a importância, sobretudo a necessidade de seguirmos investindo tempo e atenção às práticas educativas enredadas por fazeres artísticos que favoreçam percursos de partilha coletiva.

Em um mundo cotidianamente imerso em perspectivas individualizadas (quase sempre estimulados a competir e a atingir metas objetivas), propor modos de experimentar a arte coletivamente no contexto da formação de professoras/es na universidade tem sido um dos meus interesses como docente e pesquisador que se dedica à formação da docência em uma universidade pública localizada ao sul do país.

Sinto-me profundamente implicado com processos formativos que potencializam o intercâmbio de ideias e perspectivas de mundo sobre arte, cultura e sociedade, e, portanto, não abro mão dos movimentos coletivos que proponho nos ambientes acadêmicos por onde transito. Do mesmo modo, a geração de espaços de pensamento *não disciplinar* atravessados por exercícios coletivos de experimentação estética, tem mostrado significativas contribuições à formação de professoras e professores ao fomentar criações artísticas grupais enredadas por percursos inventivos distintos.

Vivemos contextos culturais e sociais de profundas transformações,

políticas e ambientais, em que urgem práticas educativas de fomento à cidadania interessada pela empatia, pelo cuidado de si, com os outros e com o mundo, sobretudo sob a ótica da prática social coletiva. Neste sentido, os fazeres artísticos configuram espaços potentes de exercício da sensibilidade humana, ao evocar aspectos de natureza sensível e afetiva atreladas às emergências culturais do tempo presente.

Diante destas perspectivas iniciais, sinto-me entrelaçado por percursos que valorizam o *estar juntos* e *aprender juntos* como um posicionamento político e também sensível às necessidades humanas. Neste sentido, coincido com Natalia Calderón, pesquisadora mexicana que argumenta:

(...) este processo de aprendizagem é, portanto, profundamente íntimo e inteiramente político. Quando me refiro a aprender juntas/os não me refiro unicamente a humanidade, mas a tomar distância de lógicas antropocêntricas para assumirmos imersos em constelações e ecossistemas” (Calderón, N., 2020. p. 10)

Outrossim, tendo em vista que “nenhuma educação é politicamente neutra” (hooks, 2017, p. 53) considero relevante problematizar junto as/os estudantes quais aprendizagens e/ou tencionamentos são produzidos quando experienciamos a arte a partir de uma perspectiva coletiva no contexto da formação em Pedagogia. Lhes convido a refletir, examinar e pensar sobre o modo como as práticas artístico-pedagógicas desenvolvidas na universidade potencializam perspectivas democráticas e críticas em relação às demandas contemporâneas, que para além de uma apreensão didática e/ou técnica, promovam uma compreensão transdisciplinar de sua área de atuação.

Considerando as experiências artísticas como fomento ao diálogo entre arte, cultura contemporânea e educação, também lhes proponho examinar, refletir e ampliar os sentidos sobre aprender ao colocar em perspectiva a complexidade e a diversidade de modos de pensar. Neste sentido, os materiais artísticos potencializam ações como *experimentar*, *pensar*, *imaginar* e *materializar* as ideias em formatos distintos, tais como a criação de objetos ou pequenas intervenções nos espaços públicos da faculdade de educação, oportunizando interações com outras pessoas que transitam por estes espaços. Estas dinâmicas vão além do modo textual de dar conta do que significa *aprender a ser docente* em uma universidade, pois envolvem outros aspectos,

tais como: *negociação, tomada de decisões, empatia, protagonismo, autorizar-se e dar conta de percursos de aprendizagem que se deslocam por outras vias: sensíveis, experimentais, criativas e singulares.*

Consistem, portanto, práticas configuradas a partir de um conjunto de experiências relacionais que se movem entre o biográfico, o afetivo e o profissional que atravessam o ato de *professorar(se)*: aprender a *ser professor/a*, a partir da prática de estabelecer relações em/por meio das artes, colocando em diálogo perspectivas e contextos que lhes permitem intercâmbios inesperados, acionados pelo caráter afetivo, pois “os afetos, ou as emoções, desempenham um papel primordial na aprendizagem. Também as reflexões. Tudo isso, entrelaçado com os conhecimentos” (Hernández; Apraiz; Gil; Gorospe, 2020, p. 24).

Deste modo, no decorrer do texto, compartilham-se experiências desenvolvidas no contexto da formação de professoras/es em disciplinas curriculares dos Cursos de Graduação em Pedagogia, Educação Especial e Artes Visuais. Além de pano de fundo para acionar o texto, estas vivências funcionam como testemunho de experiências vividas e compartilhadas em contextos situados que nos revelam também a partir de alguns registros visuais o modo como temos assumido esta aventura coletiva no ensino superior.

2 Ressignificando modos de aprender, criar e vivenciar a arte

Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender.
(bell hooks, 2017, p. 58)

No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017) bell hooks nos convida, entre tantas provocações, a romper com o engessamento dos currículos, não apenas em seu caráter disciplinar hegemônico, mas também no que tange à sua temporalidade, concepção de mundo e modos de compreender o que significa a relação *ensinar e aprender* em um ambiente institucional.

Por esta via de pensamento, abordar temáticas relacionadas a gênero, diversidade, etnia, classe social e problemas ambientais precisam estar intrinsecamente atravessadas no nosso modo de propor uma aula, ou um *encontro pedagógico*, independentemente da disciplina. Talvez nosso principal

desafio seja justamente esta busca por uma *não disciplina*, por *modos de pensar* e *propor* espaços de compartilhamento e aprendizagens diversificadas e plurais a partir de um posicionamento horizontal, fluido e transformador. Não há espaço para empreendermos processos educativos a partir de campos do conhecimento independentes: somos atravessados *por tudo junto e ao mesmo tempo*. Nossas identidades de gênero, nossas classes sociais, assim como as cores das nossas peles atravessam nosso *estar* e *agir* no mundo, cultural e socialmente constituído. Nossa presença como docentes nos espaços educacionais, sejam eles quais forem, constitui-se desde uma posição política, jamais neutral, pois ocupamos um lugar que é social e politicamente instituído intencionalmente. Consequentemente, é por meio dos nossos modos de ver, de preparar uma aula, de habitar este espaço de tencionamentos, desde os repertórios que selecionamos às didáticas de ensino com as quais lidamos, estamos produzindo imaginários do que compreendemos como docência e arte, bem como suas implicações no contexto educacional.

Neste interim, algumas experiências com a formação docente na universidade nos diferentes níveis (graduação e pós-graduação) em contextos situados (disciplinas regulares e seminários especiais) tem ajudado a reflexionar não apenas sobre como nos constituímos docentes, mas também examinar de que modo as experiências com/a partir das artes têm possibilitado acessar aspectos das singularidades que atravessam o modo como nos posicionamos enquanto agentes em contextos coletivos.

Imagem 01: *Homenagem à Lygia Pape.*



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Destarte, os desafios que surgem entre o artístico e o pedagógico, envolvem revisitar concepções sobre arte, artistas, e experimentações artísticas frente à necessidade de romper com imaginários construídos trazidos enquanto repertórios imagéticos do que poderia ser uma *aula de artes visuais*. Desconstruir e ressignificar estes aspectos constituem nossos primeiros desafios, sobretudo no que diz respeito a ideia de que arte seria uma categoria disponível a poucos, isto é, aos *iniciados*, aos artistas, historiadores ou professores de arte. Além disso, o imaginário de que Arte Contemporânea seria algo incompreensível, distante de seus contextos culturais e, portanto, inacessível do ponto de vista cognitivo. E por último, aquele entendimento equivocado, conservador e estereotipado que ainda persiste: de obras de arte produzidas por homens brancos estrangeiros disponíveis à contemplação passiva diante do domínio técnico da representação.

Mas de fato, de onde vem estes repertórios estereotipados? É no contexto da educação básica que são produzidos, endossados e compartilhados? Seriam suas experiências nas aulas de artes visuais (re)produtoras destes imaginários deslocados da contemporaneidade?

Longe de apontar “culpados”, a partir deste diagnóstico inicial – daquilo que chega enquanto repertório artístico predominante – nos dedicamos a esmiuçar tanto por meio de leituras como através de diferentes experimentações artísticas, como se manifestam tais repertórios no contexto das culturas. Permeando outros modos de desenhar, compor com materiais distintos (envolvendo performances individuais e coletivas, criação de intervenções artísticas), também realizamos instalações enquanto dispositivos que funcionam como ativadores de processos e pensamento a fim de ressignificar tais perspectivas.

Ao final do semestre acadêmico, fico bastante satisfeito ao ouvir frases como: *“neste semestre eu mudei completamente minha concepção de arte: acreditava que era só quem sabia pintar, desenhar. E também não sabia que podiam ser usados tantos materiais diferentes. Agora sei que eu também posso!”*. Isso me faz pensar que de nada adiantaria propor aprofundamento teórico destituído da experiência com os materiais, com os fazeres, com a produção simbólica e metafórica de suas experiências em contexto. Ou então,

propor a realização individualizada de percursos formativos, negligenciando a potência dos movimentos coletivos na produção do conhecimento onde pudessem exercitar *aprender com os outros*.

Ao fomentar junto às estudantes (a maioria são mulheres) como compreendemos o lugar e o sentido pedagógico das práticas artísticas em nossos fazeres educativos – nos diferentes níveis e contextos – para além de procedimentos técnicos de experimentações materiais, lidamos com *modos de ver e interpretar* o mundo simbólico, que por sua vez reverbera naquilo que se compreende como *ato de ensinar*.

Considerando estes percursos, *quais são as ressonâncias na formação destas professoras? Isto é, de que maneira aprender sobre as coisas do mundo tendo a arte como aliada (ou até mesmo como ponto de partida) produz modos de estar e atuar da docência?* Longe de uma resposta fixa, acredito que podemos observar uma espécie de transformação em seus repertórios (visuais e discursivos) quando passam a narrar sobre e a partir das experiências realizadas em nossos encontros. Entre tantos desafios, antecipo que o texto não aponta respostas fixas ou caminhos a serem seguidos. O intuito aqui é justamente do compartilhamento e da provocação, uma vez que as experiências aqui relatadas não podem ser tomadas de forma descontextualizada, menos ainda como receituário de um “como fazer” ou desenvolver percursos artísticos na formação de professoras/es. Ao contrário, o intuito é colocar em movimento, a partir dos olhos de quem *lê e interpreta*, para que cada um/a possa acionar ideias a partir de sua singularidade na produção de contextos educativos situados.

Imagem 02. Registros de Aula.



Fonte: Acervo do autor. 2025.

Quanto mais amplos, diversificados e inclusivos forem seus repertórios de referências e experiências artísticas, maiores serão as chances de transformação de suas aulas quando ingressarem nos espaços educativos formais como professoras. Maiores serão as chances também de romper com a hegemonia estereotipada do campo artístico que segue dinamizando o componente curricular na educação básica. E isso também vale para a ideia de *aprender juntos*, pois, ao compreenderem o espaço educativo como espaço de trabalho conjunto e colaborativo, onde possam perceber-se também como agentes sociais implicados com um processo coletivo de aprendizagem, certamente estarão inclusas abordagens que primam por uma escuta atenta e transformadora. Ao tomarem estas experiências formativas que tem a arte como articuladora de seus processos cognitivos, que conectam práticas pedagógicas negociadas com suas concepções do que significa ensinar e aprender, poderão fazer uso de abordagens artísticas diversas, atreladas a outras formas de olhar e representar.

Assim, ampliar repertórios e a possibilidade de produção do conhecimento a partir das artes contribuem para processos de descoberta de percursos ainda inexistentes em cada contexto, pois como argumentam os autores a seguir

Nas artes como em qualquer outro campo do conhecimento, ninguém parte do zero. (...) somos epígonos que dialogamos com leituras, imagens, obras artísticas produzidas em tempos e culturas diferentes, que vão nutrindo nosso imaginário. É com este imaginário, que sempre é coletivo, mas que também articula-se a partir das biografias e experiências de cada um, com o que nos colocamos em relação de maneira consciente ou a partir dos rastros deixados em nosso cérebro, que atualmente denominamos novo inconsciente (Calderón; Hernández, 2019, p. 11).

Sobre os modos de aprender compartilhado, no exercício da docência bell hooks narra “aprendi a respeitar o fato de que mudar de paradigma ou partilhar o conhecimento de maneira nova são desafios; leva tempo para que os alunos sintam esses desafios como positivos” (hooks, 2017, p. 60). Até que ponto estamos realmente disponíveis e dispostos a encarar um percurso educativo em que estejamos realmente abertos às negociações, a romper com hierarquias emocionais, institucionais e simbólicas? Em que medida compreendemos que “trabalhar com outros nos abre para o desconhecido e nos torna coautores do

conhecimento, cocriadores da pedagogia e coparticipantes nas comunidades de práticas” (Leggo, Irwin, 2023, p. 352)”?

A proposta é conectar a experiência artística às suas experiências de vida: seus sonhos e perspectivas, assim como seus medos e angústias. Se aprende melhor em companhia, quando há o desafio, quando perguntas são formuladas, quando surpreendem-se com os resultados produzidos.

Os trânsitos para pensar uma educação outra, leva em consideração as emergências culturais, sobretudo as transformações na produção simbólica dos sujeitos que habitam o mundo presente. Compartilhar as experiências desenvolvidas e perceber os saberes que se produzem a partir destas vivências, sobretudo para finalmente entender que “assim como é difícil para os professores mudar de paradigma, também pode ser para os alunos” (hooks, 2017, p. 59).

3 Poéticas da relação: os materiais como ativadores

Arte, vida, pensamento e política caminham de mãos dadas.
Renando Rezende, 2020, p. 14

O que podemos fazer com aquilo que lemos? De que modo poderíamos *artistar* o currículo no que tange à formação de professoras/es de Pedagogia (Dalla Valle, 2024)? Estes e outros questionamentos têm balizado muitas das experimentações artísticas desenvolvidas, como mencionado anteriormente, no contexto universitário. E os resultados têm sido bastante promissores. É notório que aprendemos melhor quando *aprendemos juntos*, quando nos sentimos desafiados a fazer algo que *faça sentido*. Aprendemos mais quando saímos da zona de conforto, quando damos um passo adiante daquilo que já sabíamos.

Para as/os estudantes de Pedagogia, aprender sobre/com as artes visuais passou a envolver também outras camadas: falamos de arte, de educação, mas também das suas vivências como mulheres, muitas delas, mulheres negras, dos seus medos diante das violências, e também da falta de acesso a espaços culturais na cidade. Ao conhecerem obras de artistas também mulheres, sobretudo as latino-americanas; ao se aproximarem de suas temáticas de pesquisa e apropriarem-se de materiais frequentemente utilizados em suas

obras, novos horizontes abriram-se à potência das artes enquanto manifestação política e de contestação. A célebre frase (estereotipada) relacionada à arte como “expressão dos sentimentos” ampliou-se para “arte como campo de refúgio e também como espaço de contestação e denúncia”.

Além disso, o uso metafórico dos materiais, ignorando sistemas de representação operados pelo rigor técnico, dá lugar ao caráter simbólico das composições experimentais, explorando percursos imaginativos na representação e criativos nas intervenções realizadas. Os materiais cotidianos como ativadores das ideias ganham outros matizes: as cores da diversidade de alternativas para dar conta do desafio proposto, enredada pelas nuances infinitas das possibilidades de interpretação.

Imagem 03: *Registros de Aula.*



Fonte: Acervo do autor. 2025.

No contexto de suas pesquisas para subsidiar seus projetos de intervenções artísticas, o foco não era descobrir *o quê faziam, como faziam e quais eram as motivações* das/os artistas, mas *a partir* destas informações, pensar como se conectavam com suas histórias de vida. Isto é, o desafio consistia em estabelecer conexões simbólicas entre suas perspectivas e repertórios estéticos ao explorar também as vivências formativas na universidade.

Este enfoque nas nossas aulas de artes visuais tem como objetivo principal fomentar, por um lado, o encontro com o pensamento de artistas contemporâneas (sobretudo artistas mulheres) e, por outro, estimular processos criativos que possam estabelecer conexões com as leituras previamente

realizadas. Através de diferentes exercícios – alguns incitados a partir de materiais dispostos em *ilhas de experimentação* – produzimos nossos encontros pedagógicos pautados pela negociação, visando a experiência coletiva, pois como argumentam Carl Leggo e Rita Irwin

Estamos profundamente conectados uns com os outros e nas formas de ser no mundo. Entendemos que todas as artes estão intrinsecamente relacionadas com as construções das identidades, na manutenção dos relacionamentos interpessoais entre o passado, presente e futuro, e para honrar o mistério que é o ser humano e o seu tornar-se (Leggo; Irwin, 2023, p. 376).

Entre tantos intentos possíveis (como compreendem, experimentam e o quê reverbera em seus modos de ver, como estabelecem relações entre o campo artístico e o pedagógico), intenciona-se que, futuramente, desde a realização de seus planos de aula e sua execução, sejam contaminadas por outros modos de pensar e propor uma relação pedagógica. Que tome o campo da arte não apenas como uma sequência de atividades motoras, mas atenta à especificidade da área, bem como seu posicionamento político.

A manipulação de materiais artísticos não é nenhuma novidade no contexto formativo de professoras/es, mas o modo como os colocamos talvez seja o ponto central da discussão. O problema não é o *desenho sobre papel* ou a *pintura sobre a tela*: o problema reside quando estes são as únicas perspectivas disponíveis quando o assunto se trata de uma aula de artes da educação básica. Repito: o problema não está nos materiais, mas no modo como *operam*, o modo como *são colocados em relação* e/ou propostos nas relações de aprendizagem. Se o caminho for pelas vias da apreensão técnica desvinculada das diferentes realidades, certamente estarão sendo reforçadas perspectivas já ultrapassadas anteriormente mencionadas: do desenvolvimento de habilidades motoras carentes de cognição.

Desenvolver experimentações artísticas em sintonia com a complexidade do mundo contemporâneo requer levar em consideração, para além das materialidades, o pensamento que atravessa as experiências de vida dos sujeitos envolvidos, sobretudo a partir dos repertórios visuais que participam de seu cotidiano, pois, “o ato de imaginação desborda o instante, a imaginação se nutre das imagens, sensações, sons, ruídos, experiências que já estão ali e se

propagam às relações” (Calderón, A. S., 2022, p. 58).

Em um momento de excitação e inércia diante das imagens que *(pre)dominam* freneticamente nossos cotidianos enredados por redes sociais e aplicativos de relacionamento, examinar como operam e como podemos subverter seu caráter hegemônico de persuasão constituem também o exercício estético presente em nossos encontros. De acordo com Andrea Soto Calderón “a abundância de imagens e estímulos visuais nos afogam e nos anestesia, impedindo-nos de digerir aquilo que vemos; por sua vez, essas imagens demandam nossos corpos, nos devoram” (2020, p. 13).

Ainda em diálogo com a pesquisadora espanhola, o desafio atual consiste em *como ativar nossa imaginação nesta época reticular de uma rede sem fios* (Calderón, A. S., 2020, p. 45), pois, imersos em nossos dispositivos móveis, imaginar mundos possíveis, experimentar o corpo e o tempo em espaços de criação, longe das telas luminosas, parece estar cada vez mais distante do cotidiano.

Imagem 04: *Registros de Aula.*



Fonte: Acervo do Autor. 2024.

Diante destas constatações, considero uma potente alternativa a experiência com/a partir dos materiais em que estejam vinculados processos de exploração material, experimentação, composição e simbolização com ênfase nas narrativas construídas a partir daí: o que cada um/a *vê/lê/elabora* a partir da experiência. Ou ainda, como um espelho daquilo que lhe devolve a mirada.

São proposições que lhes tem ajudado a sentir-se enredadas em processos educativos relacionais, implicando-as com outras perspectivas e

narrativas, com outros modos de *pensar* e *fazer*, a partir de outros e novos repertórios. Espaço onde o docente não é mais aquele/a que determina o percurso da viagem, mas aquele que colabora com a organização e sistematização de seus itinerários, tendo como perspectiva que “toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo” (hooks, 2017, p. 35).

Consiste, portanto, em uma visão política e pedagógica da educação, partindo de problemáticas emergentes, que para além do conhecimento artístico, estejam também implicadas suas demandas sociais. Por esta perspectiva, uma aula de artes visuais no contexto de formação docente considera

[...] alcançar uma transformação sensível e comprometida, onde o artístico não seja entendido como uma mera expressão ou simplesmente como algo estético, mas como um (im)pulso de vida capaz de (co)mover as estruturas mais rígidas e a flexibilizar nosso pensamento racional, com a convicção de construir aprendizagens sensíveis, situadas e corporeizadas” (Calderón, N. 2020, p. 10).

Deste modo, o espaço formativo da universidade não consiste em acessar a campos epistemológicos relacionados ao campo disciplinar, apenas, mas é também um espaço onde se aprende a socializar, a escutar o outro, aprender sobre/com os outros e sobre si mesmos. Isso requer atentar aos movimentos que surgem dentro da sala de aula, de modo coletivo, onde o docente constrói a proposta juntamente com o grupo, examinando quais são seus repertórios, de onde vem, como são construídos, o que dizem de si mesmas e de que modo poderíamos acionar/estabelecer novas/outras referências e/ou conexões.

Outrossim, aprender de modo relacional, onde o afetivo, o cognitivo estejam emaranhados, conectamos o aprender com os afetos, com aquilo que atravessa e promove rupturas com o caráter hegemônico que tende a habitar suas visões de mundo no que tange ao campo das artes visuais. Neste sentido, para Rosario Garcia-Huidoro (2020, p. 12)

[...] o sentido pedagógico é uma possibilidade sempre em potência em todas as práticas artísticas e culturais. O pedagógico se ativa quando a experiência de pensar e produzir arte se vem atravessadas e permeadas por outros, ou que abraçamos por mediação. Ainda assim, não há um caminho único nem definido. Todos são linhas abertas e dinâmicas, como a própria vida e suas relações.

Em certa medida, abordar as emergências culturais do nosso tempo: crises climáticas, violências de gênero e étnico-raciais pelo viés das artes visuais, não apenas colocam em sintonia com as questões globais, mas possibilitam também acessar outras histórias de vida, como fomento à cidadania e empatia, pois, “para nós, enxergar não é “essencialmente solitário”. Pelo contrário, enxergar é pôr em prática a criatividade de viver bem com os outros e nas relações com o mundo (Leggo, Irwin, 2023, p. 353).

Imagem 05: *Registros de Aula.*



Fonte: Acervo do Autor. 2024.

A partir dessas abordagens, ao argumentar por uma *artistagem* da docência na universidade, propõe-se uma perspectiva criativa que possa contribuir para gerar outros modos de relacionar, compreender e agir sobre aspectos ou fenômenos que (con)formam a docência em desenvolvimento. Metodologias artísticas oferecem formas criativas de acionar processos educativos no que diz respeito à produção de conhecimento científico, pois, enquanto metodologias vivas (Hernández, 2011) que se entrelaçam com a prática (Springgay; Irwin, 2013), buscam explorar como os afetos operam na pesquisa educacional e quais são suas implicações na formação.

4 Considerações finais: entre tantos pontos, algumas reticências

Para finalizar, pretendo esboçar algumas pistas que poderiam ajudar-nos a pensar sobre o modo como as artes potencializam percursos muito singulares

na formação de professoras/es de outras áreas do conhecimento. Arrisco pontuar alguns aspectos que considero bastante relevantes a partir deste contexto de experimentações realizadas: o campo das potencialidades, do fomento às singularidades, das abordagens coletivas e dos percursos negociados nos pequenos grupos.

Autorizar-se a contar a própria história em diálogo *com os outros* no ensino superior significa *(re)conhecer* os fluxos narrativos que os constitui como sujeitos sociais. Potencializar os afetos como dispositivos que possibilitam *(in)corporar* os métodos para além da apreensão técnica das linguagens da arte, possibilita compreendê-las como interlocutoras destes processos. Do mesmo modo, as materialidades como ativadoras do pensamento que promovem a formulação de novas ideias a partir das circunstâncias produzidas, refletem os efeitos deste processo no que tange o estímulo à criatividade e inventividade.

Os movimentos coletivos que rompem com a lógica individualista, bem como o estímulo a encontrar pontos de contato, convidam a lidar com a diversidade de pontos de vista, com o pensamento que não está fixo, muito menos, disposto a classificar as coisas em binarismos ou hierarquias, pois envolve o campo da pluralidade, despindo-se dos pré-conceitos que carregam previamente.

Compreender as metodologias artísticas como formas de impulsionar a docência requer refletir sobre como operam os afetos neste percurso e quais são suas implicações futuras no exercício da profissão, como folhas lançadas ao vento que esperamos sigam movimentando-se e (trans)formando-se. Os encontros pedagógicos que propomos a cada aula na universidade, são sempre dispositivo, um *(re)começar*, algo que, como um *rizoma deleuziano* poderá estabelecer outras e novas conexões. Pois, ao perceber o caminho transitado, acerca de *como iniciamos* e *como finalizamos* a jornada acadêmica, daquilo que projetávamos e daquilo que foi possível empreender, percebem-se significativas mudanças no modo de pensar e vivenciar a arte.

De que modo as práticas artístico-pedagógicas desenvolvidas na universidade potencializam perspectivas democráticas e críticas em relação às demandas contemporâneas? Quais aprendizagens e/ou tencionamentos são produzidas quando experienciamos a arte a partir de uma perspectiva coletiva no contexto da formação pedagógicas?

Tudo depende. Há sempre um desejo lançado, uma energia disposta a espiralar as ressonâncias produzidas pelos encontros genuinamente afetivos (no sentido daquilo que permite afetar e ser afetado). Ao iniciar cada semestre acadêmico junto às professoras em formação, persiste o propósito de “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir” (hooks, 2017, p. 56) para alcançar o que bell hooks denomina como uma “pedagogia transformadora”. Perpassando os desafios de uma *virada de chave*, da dominação ao compartilhamento, isto é, cambiar a verticalização do currículo por abordagens horizontais, inclusivas e afetivas.

As intervenções artísticas realizadas constituem a linguagem comum que emerge de suas reflexões e diálogos que contemplam seus interesses, medos, traumas, aspirações, desejos, esperanças e utopias, matéria prima que alimenta grande parte das produções artísticas contemporâneas. Logo, os encontros com a arte não as deixam imunes àquilo que lhes acontece, que lhes atinja e lhes toca. Ao serem interpeladas pela experiência estética articulam aspectos biográficos, do modo como compreendem a si mesmas e ao mundo. Ao permitirem-se serem afetadas pela arte, assumem a complexidade do *ser e estar, conhecer e aprender, duvidar e compartilhar* seu sentido pedagógico mais valioso: da abertura à dinamicidade que lhes devolve a própria vida no entrelaçamento das relações sociais, culturais e políticas que as constitui. E assim, a aventura pedagógica na universidade continua...

Referências

CALDERÓN, A. S. **Imaginación material**. Madrid: Ediciones Metales Pesados, 2022.

CALDERÓN, A. S. **La performatividad de las imágenes**. Santiago de Chile: Ediciones Metales Pesados, 2020.

CALDERÓN, N.; HERNÁNDEZ, F. **La investigación artística**: un espacio de conocimiento disruptivo en las artes y en la universidad. Barcelona: Octaedro, 2019.

CALDERÓN, N. Pedagogías situadas. In: GARCÍA-HUIDORO, R.; HOECKER, G. **Artes + Pedagogía**: dos cruces y mil subjetividades. Santiago de Chile: Imprenta Salesianos, 2020, p. 10.

DALLA VALLE, L. Artista docências na universidade: entre itinerários formativos

e experimentações artísticas. *In*: GÓES, M. Sacht (Org.). **(Inter)conexões da arte contemporânea com crianças e formação de professoras/es**. Vitória, ES: Digital ProEx, 2024. P. 127-144.

GARCÍA-HUIDORO, R.; HOECKER, G. (Org.). **Artes + Pedagogía**: dos cruces y mil subjetividades. Santiago de Chile: Imprenta Salesianos, 2020, p. 10.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, p. 31-50, 2011.

HERNÁNDEZ, F.; APRAIZ, E. A.; GIL, J. M. Sancho; GOSROSPE, J. M. C. (Eds.). **Cómo aprenden los docentes?** Tránsitos entre cartografías, experiencias, corporeidades y afectos. Barcelona: Octaedro, 2020.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LEGGO, C.; IRWIN, R. L. Formas de Observar: Arte e Poesia. (In.) PILLOTTO, Silvia S. D; STRAPAZZON, Mirtes A. L. (Orgs.). **Educação estética**: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades, volume 2. Joinville, SC: Editora Univille, 2023, p. 349-388.

REZENDE, R. (Org.). **Arte contemporânea brasileira (2000-2020)**. Agentes, redes, ativações, rupturas. São Paulo: Hedra, 2021.

SPRINGGAY, S.; IRWIN, R. L. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. *In*: DIAS, B.; IRWIN, R. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, p.137-153, 2013.